ciência+saúde

I NA INTERNET Hubble acha novo satélite natural ao redor de Plutão

Amazônia já tem 'dívida de extinção', afirma pesquisa

Áreas desmatadas estariam condenadas a perder cerca de 10% de seus mamíferos nas próximas cinco décadas

Atual queda do desmate pode minimizar essa tendência, desde que novo Código Florestal não estimule derrubada

RAFAEL GARCIA

O desaparecimento de alguns animais na Amazônia é algo que passa quase despercebido hoje, mas esse é um fenômeno que deve se tornar cinco vezes maior.

"Cenários realistas sobre desmatamento sugerem que, em 2050, certas regiões terão perdido, em média, nove espécies de vertebrados, condenando outras 16 à extinção", diz uma nova pesquisa.

Apesar de a floresta já ter pedido, como um todo, 17% de seu território, cada peque-

de seu território, cada peque no pedaço de terra na região perdeu em média apenas 1% das espécies de aves, anfibios e mamíferos que possuía. Um trio de ecólogos do Im-perial College de Londres ex-lica agora por que isso coro-

plica agora por que isso ocor-re: a maioria das áreas está "devendo" em média 5% de extinções para o futuro, e a situação pode piorar. Em estudo na revista "Na-ture" os cientistas explicam

ture", os cientistas explicam que essa "dívida de extinções" ocorre porque alguns animais conseguem evitar o sumico logo de cara, Conforme o tempo passa em uma área parcialmente desmata-da, porém, grupos de aves, mamíferos e anfibios vão diminuindo a cada geração. No

minundo a cada geração. No final, alguns somem.

O trabalho publicado agora, liderado pelo ecólogo Robert Ewers, calcula quantas espécies são perdidas no curto e longo prazo. No estudo, os autores tratam apenas de fenômenos locais, analisanfenômenos locais, analisanferiomenos locais, analisando o que aconteceria em uma área de 2.500 km² na Amazô-nia. As previsões sobre extin-ções totais, porém, já come-çaram a ser feitas.

MAIS DE CEM

"Nós rodamos o modelo "Nos rodamos o modelo tentando prever extinções globais e, no cenário 'busi-ness as usual' [em que o rit-mo de desmatamento segue quase sem controle da lei],

quase sem controle da lei], terminamos com algo em torno de 45 espécies sendo extintas e mais de cem sendo condenadas à extinção", disse Ewers à Folha.

Em um artigo comentando o estudo de Ewers, Thiago Rangel, ecólogo da Universidade Federal de Goiás, elogia o método estatístico criado pelos britânicos para medir o perigo do desmatamento para a biodiversidade.

"Antigamente a gente olhava para o mapa da Ama-

olhava para o mapa da Amazônia e via apenas quais regiões estão mais desmatadas

giões estão mais desmatadas e quais estão sofrendo desmatamento naquele momento", afirma. "Agora é possível enxergar uma medida combinada de desmatamento e de riqueza de espécies."

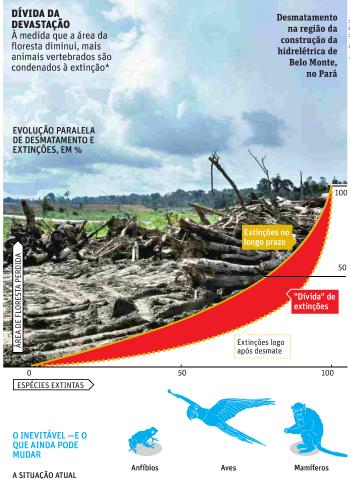
Segundo Rangel, porém, os cenários de desmatamento com que Ewers trabalha podem ser comprometidos no futuro. Um problema é o estado de indefinição do novo Código Florestal —a lei que determina quantas e quais compo Fiorestal — a lei que determina quantas e quais partes da mata os fazendeiros podem desmatar.

O outro é o movimento para reduzir áreas de conserva-

ra reduzir áreas de conserva-ção para acomodar hidrelé-tricas. No fim, pode ser que o cenário considerado mais re-alista pelos britânicos passe a ser otimista demais. Rangel também destaca que é difícil prever quando a "dívida de extinção" de uma área parçialmente desmata-

"dívida de extinçao" de uma área parcialmente desmata-da vence. "Uma espécie de anfibio vai ser afetada em cin-co gerações, o que dá uns três anos", diz. "Já um mamífero de grande porte, com maior capacidade de locomoção, rode resistir nor até 50 anos."

Apesar das limitações,
Apesar das limitações,
Ewers defende que o conceito que criou seja usado para
planejar ações de conservação, incluindo a preservação
de mata que cresce em fazendas abandonadas na Amazôdas abandonadas na Amazônia, por exemplo.



Em média, cada área de 2.500 km² da Amazônia iá está condenada a

perder algumas espécies ARCO DO DESMATAMENTO Na regiões sul e leste da Amazônia, onde o

desmate avançou mais, a situação é ainda pior

Perda de 4% (1 espécie) Perda de 1%

Perda de 30%

Perda de 14%

Perda de 25%

Perda de 10%



Crustáceo é batizado em homenagem a Bob Marley

Parasita marinho se alimenta do sangue dos peixes e habita as águas do Caribe

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

Um pequeno crustáceo que Om pequeno crustaceo que suga o sangue de peixes no mar do Caribe foi batizado em homenagem ao finado ícone do reggae Bob Marley. O pequeno organismo ma-

o pequeno organismo ma-rinho, que tem o tamanho de um piolho e suga o sangue dos peixes que habitam os re-cifes de coral das águas rasas do leste do Caribe, será co-nhecido como *Gnathia mar-*leyi, em tributo ao músico ja-

Paul Sikkel, biólogo mari-Paul Sikkel, biologo mari-nho da Universidade do Arkansas, disse ter batizado a espécie com o nome de Mar-ley em sinal de respeito e ad-miração por sua música. "Além disso, essa espécie foraticularmente caribenha.

é particularmente caribenha, como foi Marley", afirmou. O crustáceo, da família dos isópodes gnatídeos, também transmite doenças aos pei-xes, assim como os piolhos fazem com os mamíferos.

Astrônomos detectam galáxias "escuras"

Supermassas de gás sem estrelas eram objetos previstos em teoria, mas nunca vistos

Um grupo internacional de astrônomos acaba de anun-ciar a descoberta das primei-ras galáxias escuras, flagra-

ras galaxias escuras, itagra-das nos confins do espaço. Esses objetos fazem parte da teoria de formação e evo-lução galáctica. São massas gasosas, mas sem estrelas que lhes confiram brilho.

que lhes confiram brilho.
Especulava-se que elas tivessem existido no princípio do Cosmos, tendo se fundido com galáxias maiores. É por isso que não as vemos no Uni-

verso próximo. Foi preciso observar um quasar lá longe, a 11 bilhões de anos-luz de distância (quanto mais dis-tante, mais antigo é o objeto), e ver o que havia por perto. Quasares são galáxias com prícleos muito ativos típicas

núcleos muito ativos, típicas

nucieos muito ativos, tipicas no Universo primordial, mas incomuns atualmente. "Nossa ideia era simples: se as galáxias escuras não emitem luz, então precisamos jogar uma luz brilhante ne-las", explicou à **Folha** Sebas-tiano Cantalupo, da Univer-sidade da Califórnia em San-ta Cruz. "Por sorte, não pre-

cisamos fazer isso nós mesmos. Imagine a conta de luz." Em vez disso, eles usaram o quasar HEO109-3518. "Essa fonte é tão poderosa, mais de 100 trilhões de vezes o brilho do Sol que illumina todas as

100 trilhões de vezes o brilho do Sol, que ilumina todas as galáxias escuras ao seu redor, mesmo a vastas distâncias."
Uma vez que as galáxias escuras são iluminadas, elas remitem luz com uma cor fluorescente. "É como roupas brancas quando iluminadas por lâmpadas de ultravioleta

por lâmpadas de ultravioleta numa casa noturna", diz. Os pesquisadores desen-volveram um filtro óptico pa-

ra pegar justamente essa frequência de luz e o instalaram no VLT (Very Large Telescope), do ESO (Observatório Europeu do Sul, no Chile).

O esforço resultou na descoberta de galáxias escuras com cerca de 1 bilhão de vezes a massa do Sol. Mais que as Nuvens de Magalhães, galáxias-satélites da Via Láctea (onde ficam o Sol e seus planetas). Mas sem estrelas —só gás hidrogênio difuso.

Os resultados estão no periódico britânico "Monthly Notices of the Royal Astronomical Society".



'Close-up' de parasita adulto, que mede poucos milímetros